

# O CRISTIANISMO CATÓLICO DE GILBERTO FREYRE: A GÊNESE DE UM PENSAMENTO MIDIÁTICO

Edson Fernando Dalmonte\*

## DOS OBJETIVOS

Compreender a relação entre a comunicação e a cultura na gênese do pensamento midiático de Gilberto Freyre (1900-1987). O sociólogo pernambucano desde o início de sua trajetória intelectual esteve atento para a mídia como elemento cultural capaz de referendar uma realidade histórica.

Mas acreditamos que essa atenção depositada na mídia, por exemplo, por meio de seus suportes, é o resultado de um deslocamento que se opera na tradição do autor. Esse deslocamento fundamenta-se na atenção depositada nos elementos midiáticos, que passam a ser vistos como fatos culturais, capazes de revelar a cultura na qual estão circunscritos.

Por meio da análise de *Casa Grande & senzala* (1996a) e *Sobrados e mucambos* (1996b) percebe-se a importância da religião Católica na formação da cultura e identidade brasileiras. Freyre defende a idéia de que muito de nossas características culturais seriam diferentes se outro tipo de religião tivesse vindo para cá.

À luz das reflexões de Freyre, iremos apontar alguns momentos em que o cristianismo (católico) agiu decisivamente na formação de nossa identidade, porém de duas maneiras distintas: 1) impondo sua visão religiosa e por conseguinte de vida, como é o caso da obrigação do confessionário, que segundo Freyre levou à introspecção; 2) nossa formação deve muito ao tipo de cristianismo que aqui foi implantado, com procissões e festas de santos, o que transmitiu também ao povo o gosto pelos festejos populares. Outro ponto de envergadura apontado pelo autor é quanto ao tipo de cristianismo que atuava em Portugal e veio para cá - o cristianismo institucionalizado dos jesuítas, responsável por um processo educativo bastante específico, que incluía, por exemplo, o teatro e a música.

Com base nesses pontos, buscaremos entender a gênese da formação do pensamento do autor acerca de nossa história, e das formas de abordá-la, incluindo os suportes midiáticos como forma de reconstituição dos fatos. A partir desse ponto, acreditamos, é que surge o pesquisador das mídias, que foi um dos precursores nesses estudos no Brasil.

## CATOLICISMO NO BRASIL: DOS FESTEJOS À CULTURA

A cultura brasileira é marcada pela diversidade, que está presente em todos os campos, inclusive no religioso. Aqui percebe-se uma diversificação tanto nas formas quanto nas práticas que envolvem a profissão de algum credo. Dentre as religiões que colaboraram para a formação de uma identidade brasileira está a Católica, que influenciou umas e foi influenciada por tantas outras.

A influência a que se refere diz respeito às práticas por meio das quais o indivíduo se porta frente o sagrado e se relaciona com o profano, localizando e organizando sua vida entre esses pólos. Ao falarmos da religiosidade brasileira há que se mencionar, além da diversidade de credos, a diversificação existente dentro de uma mesmo grupo religioso. Assim, o adjetivo *católico* não qualifica nem dá a exatidão do termo a que se refere. Há, pode-se dizer, uma catolicidade, essencialmente diversa em suas formas de expressão de fé, abrindo-se no que se qualifica por religiosidade e misticismo.

Com base nas proposições de Gilberto Freyre pode-se dizer que a religião católica na formação do Brasil agiu de duas maneiras distintas: por um lado, adaptando-se à realidade da colônia, tendo em vista a diversidade cultural; por outro lado, por exemplo em relação à instituição do ato religioso da confissão atuou no sentido de incutir uma mentalidade com tendências ao isolacionismo, contrapondo-se à abertura do diálogo, baseado na relação interpessoal, que nos primeiros tempos de nossa colonização era quase que exclusivamente restrita aos homens.

---

\* Bacharel em jornalismo - Universidade Federal do Espírito Santo, Mestrando - Universidade Metodista de São Paulo.

O fato, segundo Freyre, é que na colonização brasileira, em detrimento de outras áreas colonizadas no mesmo período, a religião trazida pelo colonizador trouxe consigo determinadas exigências, como a confissão, que é uma prática exclusiva da Igreja Católica. "Aqui o confessor absorveu os segredos pessoais e de família, estancando nos homens, e principalmente nas mulheres, essa vontade de se revelarem aos outros que nos países protestantes provê o estudioso de história íntima de tantos diários" (Freyre, 1996a, p.LXVI).

Em outro momento o autor retoma essa reflexão (Freyre, 1996b, p.94), reconhecendo que o confessor desempenhou uma função 'utilíssima de higiene' mental, contribuindo para uma certa liberação da mulher, que no período colonial era muito oprimida e vivia reclusa. Outra vez o autor (idem) recorre a uma comparação em relação às colônias protestantes, dizendo que nas referidas colônias puritanas da América a incidência de loucura entre mulheres naquelas áreas parece ter sido maior que as observadas no Brasil. Esse fato é atribuído ao confessor, que permitia às isoladas mulheres falarem de si, de suas angústias.

A colonização portuguesa difere da praticada por outros povos na mesma época em especial pelo tipo de religião que veio junto com o colonizador. Mas o fato para o qual Freyre chama a atenção é o do tipo de religião que se desenvolveu em Portugal, constituindo uma forma bastante específica de catolicismo. Para tanto, basta lembrar que já no século XV Portugal era um país cosmopolita, vivendo um tipo rústico de globalização. Esse fato deve-se à condição de país portuário, local de passagem das mais diferentes 'tribos e tendências' e circulação de idéias e ideais. Tudo isso contribuiu para que o português e sua religião fossem adquirindo traços vanguardistas.

O que se processou no Brasil foi uma colonização tendo por elemento unificador a religião, que da mesma forma agira em Portugal, unificando internamente e colocando-se contra o estrangeiro, o inimigo da fé.

Temia-se no adventício acatólico o inimigo político capaz de quebrar ou de enfraquecer aquela solidariedade que em Portugal se desenvolvera junto com a religião Católica. Essa solidariedade manteve-se entre nós esplendidamente através de toda a nossa formação colonial, reunindo-nos contra os calvinistas franceses, contra os reformados holandeses, contra

os protestantes ingleses. Daí ser tão difícil, na verdade, separar o brasileiro do católico: o Catolicismo foi realmente o cimento da nossa unidade (Freyre, 1996a, p.29-30).

Com isso, pode-se dizer que o catolicismo desempenhou fundamental papel na consolidação do que hoje se entende por Brasil. "Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, quase nenhuma no português cosmopolita e plástico, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política" (Freyre, 1996a, p.4).

Nessa perspectiva, falar da religião é ao mesmo tempo falar da cultura que se produziu a partir desse contato entre um tipo específico de religiosidade com outras culturas, como a indígena e a negra. Mas esse intercâmbio só foi possível, na opinião de Freyre, porque o português era um europeu diferente, com capacidades de relacionamento com outras culturas, o que foi assegurado pelo intercurso, ao longo do tempo, com outros povos e sistemas culturais.

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África [...] Toda a invasão de celtas, germanos, romanos, normandos - o anglo-escandinavo, o *H. Europaeus L.*, o feudalismo, o Cristianismo, o Direito Romano, a monogamia. Que tudo isso sofreu restrição ou refração num Portugal influenciado pela África, condicionado pelo clima africano, solapado pela mística sensual do Islamismo (Freyre, 1996a, p.5-6)

Em *Sobrados e Mucambos* (Freyre, 1996b, p.208) enfatiza a mesma opinião dizendo que "sem a experiência moura, o colonizador teria provavelmente fracassado". É nesses momentos de cruzamento - hibridização - cultural que o autor coloca sua atenção, entendendo estar aí um espaço gerador de significados capazes de conferir ao indivíduo uma identidade flexível, permitindo que ele circule entre os vários campos religiosos e, por conseguinte, culturais.

A religião católica que veio para o Brasil, em sua forma organizada e burocrática, veio conduzida pela Companhia de Jesus. É da autoria dos jesuítas os primeiros contatos entre europeus e nativos. Com o intuito de arrebanhar o 'gentio' e por meio da catequese torná-lo participante de sua fé, os jesuítas lançaram mão de uma série de artifícios para tornar sua religião mais atraente aos olhos dos nativos. Era uma religião diversa da praticada na Europa, uma vez que tendia mais ao festejo, na maioria das vezes se esparramando pelas ruas.

Eram as futuras festas de igreja, tão brasileiras, com incenso, folha de canela, flores, cantos sacros, banda de música, foguete, repique de sino, vivas a Jesus Cristo, esboçando-se nessas procissões de culumins. Era o Cristianismo, que já nos vinha de Portugal cheio de sobrevivências pagãs, aqui se enriquecendo de notas berrantes e sensuais para seduzir o índio (Freyre, 1996a, p.151).

Sobre os artifícios das organizações católicas empregados na sedução dos povos, Freyre diz, referindo-se à influência oriental no período colonial brasileiro, que "Buda e Islã parecem tem concorrido, no nosso país, para conduzir a Cristo ou a Roma indígenas fascinados por vermelhos, amarelos e azuis do Oriente" ( Freyre, 1996b, p.467).

O campo religioso tornou-se o espaço onde se produziu esse amálgama, tendo por ingredientes diversas perspectivas religiosas, cada uma colaborando com o que possuía de mais característico e específico e, em especial, animado. "Era o que dava brilho ou ruído de festa às ruas das antigas cidades do Brasil: a religião. A religião dos pretos com suas danças; a dos brancos, com suas procissões e suas semanas santas" (Freyre, 1996b, p.43).

Muito do que hoje entendemos por cultura brasileira deve-se a essa vivência religiosa marcada pela diversidade e convergência de valores, do que resultou uma religião festiva. Em determinados momentos a festa religiosa chega a se confundir com a festa popular, que em alguns locais, para marcar a diferença, é classificada de profana.

Verificou-se entre nós uma profunda confraternização de valores e de sentimentos (...) confraternização que dificilmente se teria realizado se outro tipo de cristianismo tivesse dominado a formação social do Brasil;

um tipo mais clerical, mais ascético, mais ortodoxo; calvinista ou rigidamente católico; diverso da religião doce, doméstica, de relações quase de família entre os santos e os homens, que das capelas patriarcais das casas-grandes, das igrejas sempre em festas - batizados, casamentos, 'festas de bandeira' de santos, crismas, novenas - presidiu o desenvolvimento social brasileiro (Freyre, 1996a, p.355).

Gilberto Freyre, em *Casa grande & senzala* (1996), fala de uma relação de proximidade entre as pessoas e os santos, que no Brasil colonial era muito comum, tratando-se a divindade, como pessoas da intimidade, dirigindo-se a eles os pedidos em forma de bilhetes, que eram colocados debaixo das imagens.

Outro momento dessa relação de proximidade é o do agradecimento pela graça alcançada. Observa-se aí as mais variadas formas, por exemplo, as roupas especialmente confeccionadas e oferecidas aos santos, as jóias, enfim, uma infinidade de mimos, como que oferecidos a crianças na paga de algum favor.

Percebe-se assim que a vivência religiosa era marcada por uma visão pessoal, contrastando com a religião rigidamente estabelecida, mas que aqui se imbuíu de um misticismo supersticioso, cheio de credices. Esse é o resultado de um processo que se desenrolou durante o período em que a religião católica era a oficial, sendo toda outra prática religiosa considerada ilegal e contrária à lei. Mas, apesar da proibição, o indivíduo continuava professando sua fé, o que muitas vezes fazia concomitantemente ao exercício de 'fé obrigatória'.

Nem o judeus, nem os negros, eram gente que hostilizasse propriamente a religião dominante: grandes diplomatas ou temporizadores, como tendem a ser as nações, os grupos, as mulheres e os meninos mais inteligentes, quando muito oprimidos, o que eles principalmente realizaram foi obra de substituição: seus santos ou ritos ficaram com os nomes e a aparência dos católicos. Só por dentro diversos (Freyre, 1996b, p.5).

Esse processo de vivência religiosa na clandestinidade fez com que o indivíduo se apoderasse de um repertório simbólico que o permitia transitar de um campo religioso a outro. Falando dos sobrados urbanos, Freyre diz que "o vigário ortodoxo que entrasse num deles havia de gritar de horror. As mesma velas de iluminar Nossa Senhora com o menino Jesus nos braços, iluminando santos africanos dissimulados em santos católicos" (Freyre, 1996b, p.651).

Há, nessa realidade, pode-se dizer, uma variação do que vem a ser religião. Essa variação começa no indivíduo, que ao se sentir obrigado a praticar uma fé que não é a sua, o faz resguardando os seus valores íntimos que o ligam às suas divindades. Se essa ação é pensada como um método, podemos inferir que o resultado é uma cultura religiosa híbrida, da qual fazem parte os preceitos de cada parte envolvida. Constitui-se, dessa forma, não uma religião, mas religiões, com várias formas de leitura e participação.

O Catolicismo, concordamos ter sido elemento poderoso de integração brasileira; mas um catolicismo que, ao contato - desde as Espanhas - com as formas africanas de religião, como que se amorenou e se amulou, os santos adquirindo dos homens da terra uma cor mais quente ou mais de carne do que a européia. Adaptou-se assim às nossas condições de vida tropical e de povo de formação híbrida. De modo que as portas de vidro dos santuários se abriram, no Brasil (...), para deixar entrar orixás de cajá disfarçados de S. Cosme e Damião (...) Santos de cor que tomaram lugar entre santo-antônios cor-de-rosa e querubins louros, ruivos, numa confraternização que nem a dos homens. Até Nossa Senhora amulou-se, engordou e criou peitos de mãe-preta (Freyre, 1996b, p.651-652).

Com base nas reflexões de Freyre, pode-se dizer que a formação de nossa identidade religiosa é marcada pela diversidade representada pelo arcabouço místico-simbólico de cada grupo étnico que participou desse processo. De um lado a fé instituída e oficial, a católica, do outro, uma série de manifestações religiosas igualmente instituídas, mais flexíveis e abertas à participação popular, porém sem liberdade de expressão. Desse encontro surgem novas formas de manifestação religiosa,

menos rígidas e mais abertas ao diálogo entre as diferenças, criando uma metareligião, ou metareligiosidade.

Nota-se, acerca desse ponto específico na obra de Freyre, uma preocupação com a constituição de uma cultura pluralizada, para cuja elaboração a religião colaborou decisivamente. Para entender a diversidade cultural é preciso entender seu processo constitutivo, bem como os campos aí envolvidos. Logo, na perspectiva freyreana, a religião atuou configurando uma cultura diversa, saindo da religião e contaminando as ruas com uma alegria incomum nos primeiros séculos de nossa colonização. É essa alegria que nos chega hoje e é responsável, por exemplo, pelo nosso gosto por festejos a céu aberto, em ruas e praças, atrás de trios elétricos, igualmente andores que conduzem ídolos cultuados nas modernas formas de procissão.

## DA CULTURA À MÍDIA: O PERCURSO GILBERTIANO

A preocupação inicial de Gilberto Freyre recai sobre a diversidade cultural, e, de maneira especial, sobre o processo que levou a essa diversificação. A religião é apontada como fator contribuinte para o desenrolar dessa evolução. Para o resgate do processo constitutivo de tal quadro, o autor recorre a várias fontes de informação, desde cartas, por exemplo dos jesuítas, como diários pessoais e de viajantes. Além da análise documental, usa também a tradição oral, transmitida de geração a geração, que ele recolhe por meio de depoimentos.

Essas reflexões acerca da cultura estão presentes de forma marcante em *Casa grande & senzala* (1996a), mas na obra seguinte *Sobrados e mucambos* (1996b) o autor agrega um importante elemento, presente de forma modesta na obra anterior, usado para a reconstituição do passado: a mídia. Por meio de jornais ele reconstrói os vários períodos de nossa história, encontrando nos anúncios de jornais um testemunho fiel e contundente, revelador de minúcias, que de outra forma escapariam ao pesquisador. Essa perspectiva já foi apontada pelo professor José Marques de Melo em *Estudos de jornalismo Comparado* (1972), em especial no capítulo *A imprensa como objeto de estudo científico no Brasil: contribuições de Gilberto Freyre e Luiz Beltrão*.



Acreditamos que a ênfase dada à mídia nos estudos subsequentes de Freyre marcam uma como que evolução de sua perspectiva cultural, partindo da cultura entendida em sua imaterialidade, enquanto manifestação artística e compondo a visão de mundo, marcada pela vivência e inserção do indivíduo em um grupo. A partir dessa constatação, ele agrega a mídia, que no nosso entender, por meio de seus suportes, é vista como artefato cultural, por ser capaz de revelar uma organização social em sua complexidade.

A partir de *Sobrados e mucambos* (1996b) e de suas obras subsequentes, Freyre fala com base em evidências midiáticas, servindo-se delas para a construção de sua narrativa acerca do passado. Na referida obra (idem), há, quase em todas as páginas, uma ou mais referências a artigos e anúncios de jornais. Ele fala, por exemplo, dos ricos fidalgos que "em jornais da época, vêm denunciados como contrabandistas" (Freyre, 1996b, p.50).

Em relação à moda, o autor faz um verdadeiro levantamento, mostrando a entrada de produtos europeus. "Espartilhos de que, desde a primeira metade do século XIX, aparecem numerosos anúncios nos jornais brasileiros" (Freyre, 1996b, p.104). Mas não só os jornais tradicionais serviam às suas análises, ele usava os jornais especializados, como "o *Correio das Modas*, 'Jornal crítico e litterario [sic] das Modas'" (idem, p.118).

A disputa pelo poder hegemônico entre o patriarcado e a igreja tem um dos seus ápices com a proibição das missas nas capelas residenciais, uma vez que a igreja queria ter seus templos reconhecidos como local público para o exercício da fé, colocando-se contrária à existência de capelas privadas.

Mas não se deve deixar de incluir a Igreja - a Igreja dos bispos e do Internúncio - entre as forças que concorreram para o declínio do patriarcalismo das casas-grandes (...) tantos dos quais [sobrados] aparecem nos anúncios de jornal da primeira metade do século XIX com oratório ou capela particular ( Freyre, 1996b, p.123).

A moral do período colonial é posta à prova, mostrando-se bastante rígida, por exemplo em relação à sexualidade, quando referente à classe fidalga. "Também apareciam nesses anúncios 'comadres', capazes de resolver casos difíceis de burguesas

de sobrado cujas barrigas o amor ilícito ou inconfessável arredondara. As chamadas 'fazedoras de anjos" ( Freyre, 1996b, p.161). Ainda sobre a sexualidade, observa Freyre a maneira aberta como eram tratados temas tabus, como sobre doenças sexualmente transmissíveis. "Numerosos se tornaram também nos jornais do tempo do império os remédios contra os males venéreos" (idem, p.162).

O afastamento entre o Brasil e a Europa, e a relação com o Oriente durante o período colonial é marcante na nossa história. Desse período a influência se prolongou ainda por algum tempo, mesmo depois da Abertura dos Portos em 1808 .

Os anúncios de jornal revelam, desde os primeiros dias em que começou a haver imprensa no Brasil até o terceiro decênio do século XX, como persistiu na população, resistindo ao impacto da produção industrial européia, o gosto pelos artigos orientais a cujo uso ou gozo o brasileiro se afeiçoara durante longo período de sua experiência colonial (Freyre, 1996b, p.443).

O exemplo direto do consumo e valorização dos produtos orientais é dado por um anúncio: "a 11 de abril de 1809, Cláudio José Pereira da Silva anunciava na *Gazeta do Rio de Janeiro* ter perdido 'hum annel com hum [sic] diamante brilhante da Índia" (Freyre, 1996b, p.443).

Com base em sua exploração acerca da sociedade antiga, Freyre chega a fazer generalizações tendo por referencial os anúncios de jornais.

Baseados no estudo de anúncios dessa época de transição, no Brasil, de familismo para estatismo, de religiosismo para secularismo, ousamos afirmar que a mulher - geralmente considerada mais volúvel que o homem - resistiu, no nosso país, mais do que o homem culto, a forças ou influências novas no sentido da europeização ou ocidentalização do seu adorno pessoal e do seu traje (Freyre, 1996b, p.464).

Por meio dessas citações, nota-se o método empregado por Freyre na reconstituição e análise do passado. O jornal, compreendendo artigos e anúncios, é o testemunho fiel capaz de outorgar sua análise.

## ANUNCIOLOGIA: A SISTEMATIZAÇÃO DE UM PENSAMENTO

É importante observar a existência na obra freyreana de uma tentativa de sistematização de um pensamento acerca dos estudos midiáticos. Esse desejo de sistematização surge depois da trajetória de *Casa grande & senzala* (1998a), onde ele cita uma vez o *Diário de Pernambuco*, cujos artigos tinham, em sua opinião, um valor sociológico; e *Sobrados e mucambos* (1998b), que é basicamente construído tendo por referência artigos e anúncios de jornais.

Essa valorização da mídia em seus estudos passa a ser uma preocupação constante; em 1961 publica *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX* (1979). O livro é uma tentativa de interpretação antropológica de questões ligadas aos escravo, tendo por parâmetro os anúncios de jornais. Na referida obra o autor lança as bases para uma possível sistematização desses estudos, propondo a *anunciologia*.

Especializada na análise e na interpretação de material antropossociológico relativo ao africano vindo de várias tribos para o trabalho, quer agrário, em plantações, quer doméstico, em residências. Um homem situado: situado como escravo. Situado num trópico brasileiro afim, mas não de todo semelhante, do trópico africano de sua origem que, de indistintamente africana, as evidência contidas em anúncios permitiriam fosse discriminada ou especificada (Freyre, 1979, p.XVI).

O autor (idem) chama atenção para o fato de essa *anunciologia* ser uma elaboração genuinamente brasileira, tendo em vista a sistematização e profundidade de suas análises, servindo mesmo como base para a elaboração de seus livros.

A preocupação do autor em ter sua produção científica em consonância com a comunidade internacional é expressa, por exemplo, com a referência a Marshall McLuhan "a quem, em recente contato em Paris, aludi ao assunto, tendo ele se interessado pelos estudos brasileiros a esse respeito" (Freyre, 1979, p.XXX). Um pouco mais adiante, Freyre (idem, p.L) cita a obra de McLuhan *The Mechanical Bride, Folklore of the Industrial Man* (1951), fazendo referência ao estudo do canadense sobre a influência dos anúncios publicitários sobre o público.

Segundo Freyre, a partir de características que apareciam nos anúncios tais como descrições de cicatrizes, deformidades e anomalias, pode-se reconstituir a maneira real de tratamento dos escravos, bem como definir os grupos étnicos dos quais faziam parte.

Os anúncios constituem a melhor matéria ainda virgem para o estudo e a interpretação de certos aspectos do nosso século XIX. E não só para a interpretação desse período: para o esclarecimento da nossa psicologia em muitos dos seus aspectos gerais ainda obscuros (Freyre, 1979, p.3).

O autor ressalta também o uso desse material na reconstituição da visão da elite em relação aos negros, o que segundo ele, vai além da simples relação força-trabalho. "Nos anúncios de escravos de jornais brasileiros do século XIX, percebe-se a valorização dos escravos de tipo físico e de características culturais mais semelhantes aos da população culturalmente dominante" (Freyre, 1979, L).

No mesmo trabalho ele indica a fotografia como outro importante elemento de análise. A fotografia, no seu início, era algo acessível apenas aos abastados, então o que significa um escravo aristocraticamente vestido sendo fotografado? Para Freyre esse elemento revela a existência de 'classes' dentro do que se pensava composto por um bloco único, o que mostra características tanto dos escravos, que se diferenciavam, quanto dos senhores, que não tratavam os escravos de uma única maneira. "Vários deles, note-se através dos fotografáveis ou fotografados na coleção apresentada neste livro - de porte, de semblante, de expressão senhoris e não-servis " (Freyre, 1979, p.102).

O uso da fotografia é uma outra possibilidade de captação de um período histórico, que, segundo um dos biógrafos de Freyre, chega a colocar a foto da avó materna em um de seus livros (Chacon, 1993, p.37). Servindo-se de mais esse suporte midiático, o autor se aproxima da intimidade dos estamentos sociais.

É curioso observar, nos nossos velhos retratos do tempo do Império, nas fotografias antigas de família que amarelecem no fundo das gavetas ou dentro dos álbuns de capas às vezes de madrepérola, a muito maior europeização não só de traço como que de fisionomia, vamos dizer social, dos homens ( Freyre, 1996, p.333).

Cumprir lembrar que tais usos da mídia foram responsáveis, em grande parte, pelas críticas direcionadas a Freyre, acusado de ser anticientífico. É o próprio autor que expõe os motivos do desconcerto provocado pelo seu trabalho.

Contra inovações que lhes pareciam blagues como os meus agradecimentos, em prefácio, a ex-escravos e a analfabetos, por informações deles colhidas, em entrevistas; também contra a utilização de anúncios de jornais (...) de cartas e documentos particulares, como material de valor histórico e sociológico. Inovações, todas essas, desconcertantes para muitos e escandalosas para alguns (Freyre, 1968, p.137).

Freyre ao longo de sua trajetória inovou em sua forma de análise do social, sobretudo pela percepção da mídia como novo fenômeno cultural, que deveria ser compreendido sem preconceituosos pontos de vista, mas de forma a serem utilizados, por exemplo, para fins educativos. É o caso do artigo publicado em O Cruzeiro, em 05 de fevereiro de 1949, em que trata das críticas às revistas em quadrinhos. “Em vez de se deixarem [os críticos] envolver pelo horror furioso à história em quadrinhos, devem servir-se dessa técnica, melhorando-lhe a substância e purificando-lhe o conteúdo de excessos de sensacionalismo, de vulgarismo e de mau gosto” (Freyre, 1950, p.2).

Essa também é uma preocupação em seu diário de memórias.

É pena que as grandes obras de literatura lidas por adolescentes não sejam tão profusamente ilustradas como os contos policiais e as novelas de aventuras. É verdade que eu tenho muito vivas na memória as ilustrações magníficas de G. Doré para o *Paradise lost*. Também as ilustrações igualmente impressionantes de *Dom Quixote*, de *Atala* e da *Divina comédia* - livros que já li e reli" (Freyre, 1975, p.24).

Freyre em muito contribuiu para o avanço do que hoje se entende por ciência em sua ligação com as questões sociais e para a compreensão da cultura, em especial a brasileira. A perspectiva adotada por Freyre é a da interação da cultura com o cotidiano, e sua metodologia transgride as fronteiras das disciplinas das ciências sociais. A partir dessa premissa é que surge a inovação freyreana: a ligação entre mídia e cultura, numa sociedade em que cada vez mais as relações são mediadas por aparatos tecnológicos.

## DAS CONCLUSÕES

A breve descrição da trajetória de Gilberto Freyre mostra a preocupação do autor com a formação de nossa cultura, tendo como um dos seus elementos principais a religião Católica, que por meio de suas táticas para se aproximar, por exemplo, dos indígenas, acaba tornando-se, aqui, uma religião diversificada, com características próprias.

O que surge desse processo não é apenas uma religião, mas uma cultura pluralizada, que acaba por configurar outros segmentos sociais. Ao longo da elaboração desse percurso intelectual, Freyre estabelece a relação entre cultura e comunicação, o que se dá inicialmente com umas poucas referências a anúncios de jornais em *Casa grande & senzala* (1998a).

Na obra seguinte, *Sobrados e mucambos* (1998b), já aparece consolidada essa relação, o que se verifica pela profusão de citações de artigos e anúncios de jornais, que servem de base para suas análises. Por meio desses suportes midiáticos o autor abre caminho pra uma série de estudos reveladores de aspectos histórico-culturais.

Com base na descrição desse percurso, percebemos que Gilberto Freyre não usou a mídia de maneira esporádica, mas de forma sistemática e progressiva, o que faz dele o precursor nesses estudos no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre: uma biografia intelectual*. Recife: Editora Massangana, 1993.

FREYRE, Gilberto. Outra vez as histórias em quadrinhos. *O cruzeiro*. Rio de Janeiro, 05 fev. 1949.

\_\_\_\_\_. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2. ed. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

\_\_\_\_\_. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Universidade de Brasília, 1968.

\_\_\_\_\_. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade - 1815-1930*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1975.

\_\_\_\_\_. *Casa-grande & senzala*. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

\_\_\_\_\_. *Sobrados e mucambos*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

MCLUHAN, Marshall. *The Mechanical Bride, Folklore of the Industrial Man*. Nova York, 1951.

MARQUES DE MELO, José. *Estudos de jornalismo comparado*. São Paulo: Pioneira, 1972. A imprensa como objeto de estudo científico no Brasil: contribuições de Gilberto Freyre e Luiz Beltrão.